

REVISTA

EDIÇÃO Nº 85 | JULHO DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

## CONFIRA

Artigos, Resenhas  
Contos, Poemas, Crônicas,  
Entrevistas, Dicas de Livros e Muito Mais...



Conheça o novo romance  
Jornal em São Camilo da Maré,  
do autor Ademir Pascale - Pág. 09

ISSN 2448-1068

CRÔNICA/CONTO

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

# ENCANTADOS



Bruno Araújo Pereira e Dom Phillips - Foto divulgação



**I**ndigenista é uma profissão incrível. Para se exercê-la, é necessário um farto conjunto de qualidades. Deve-se entender de história, tanto a dos livros quanto a das trajetórias individuais de vida. Deve-se respeitar as diferenças. Deve-se saber não cair na tentação de se doutrinar o outro. E, acima de tudo, deve-se saber escutar.

Jornalista é uma profissão incrível. Para se exercê-la, é necessário um farto conjunto de qualidades. Deve-se entender de história, tanto a dos livros quanto a das trajetórias individuais de vida. Deve-se respeitar as diferenças. Deve-se saber não cair na tentação de se doutrinar o outro. E, acima de tudo, deve-se saber escutar.

Por um desses caminhos da vida, o indigenista e o jornalista acabaram percebendo que suas respectivas profissões tinham muito em comum e resolveram juntar esforços em prol de uma causa: a defesa do meio ambiente e das populações originárias. E, tanto unidos quanto individualmente, realizaram um ótimo trabalho.

Mas quando você escolhe seguir o caminho do Bom Combate, inevitavelmente acaba incomodando os poderosos. E, no Brasil, o preço disso pode representar a própria morte. Ao defenderem a floresta e seus povos, o indigenista e o jornalista mexeram com interesses além da própria compreensão. A Amazônia tem dono, e esse dono não é o povo brasileiro, seus habitantes e sua gente. Nem são os garimpeiros, caçadores e exploradores da floresta, pilhadores diversos dos recursos naturais. Não, esses últimos pequenos bandidos são meros peões sem vontade no jogo de xadrez dos grandões, braços armados e assassinos que têm sangue nas mãos, mas não por vontade própria. São, como se diz na gíria, “peixes pequenos”. Os donos da Amazônia, os verdadeiros vilões dessa e de tantas outras histórias brasileiras, estão longe daquela terra sem a lei da Constituição. Frequentam gabinetes luxuosos e refrigerados, onde são servidas bebidas de rico e comidas que a gente nem sabe o gosto – gosto não: “paladar”. Gente que o indigenista, o jornalista, eu e você apenas imaginamos quem seja.

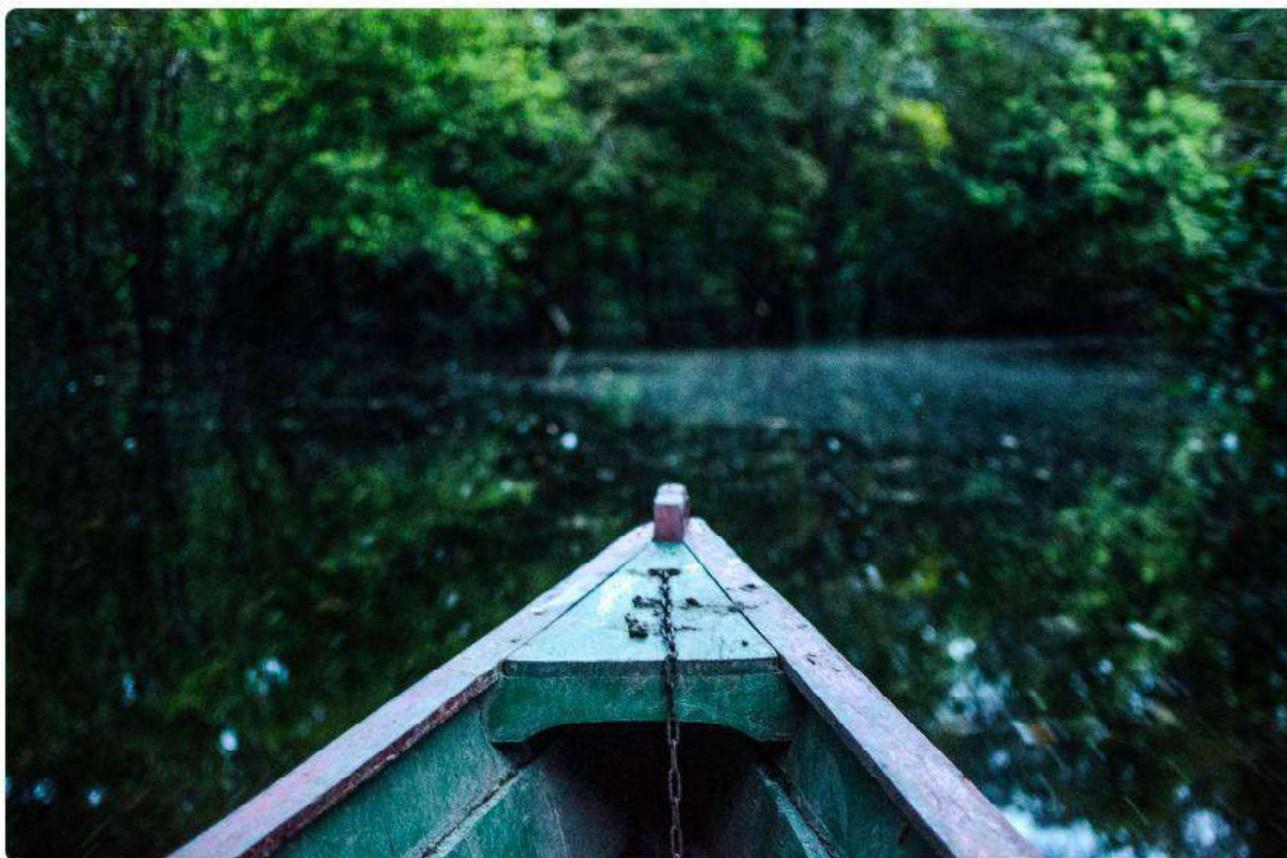
O indigenista e o jornalista, cumprindo o ofício de ajudar quem precisa, foram emboscados em uma curva no rio. Peões traiçoeiros tentaram fazer aquilo pelo qual foram pagos: calar as vozes que defendem a floresta. Com requintes de um nível de maldade que, dentre todos os integrantes do reino animal, apenas o bicho-homem é capaz de alcançar, foi colocado ponto final na trajetória terrena do indigenista e do



jornalista. Mas, se por um lado os corpos foram silenciados, por outro as vozes continuarão ecoando.

Alguns de nossa gente acreditam que, diante da tragédia iminente, seres iluminados, com histórico pessoal de lutas pelo bem, simplesmente podem não chegar a “morrer” no sentido tradicional. Antes disso eles se “encantam”. Como encantados, sem os limites de um corpo físico, podem exercer livremente a defesa das matas, rios, lagos, campos e sua gente. Encantados, o indigenista e o jornalista entraram para o time do Anhangá, do Curupira, da Caipora, do Boitatá e de tantas outras entidades da cultura popular brasileira. São todos eles que fazem com que tenhamos esperança em vitória e justiça. Talvez não a justiça dos homens, que costuma ser demasiadamente lenta e tolerante com os poderosos. Mas certamente a justiça dos espíritos da natureza. A eles, mais cedo ou mais tarde, os destruidores terão que prestar contas.

Oxalá o indigenista e o jornalista tenham sido muito bem recebidos por seus novos pares no reino dos encantados. E que eles continuem a fazer o que sempre fizeram: um bom trabalho. Este texto, meio que uma crônica, meio que um conto, é dedicado ao indigenista Bruno Pereira e ao jornalista Dom Phillips, heróis da floresta.



**Elidiomar Ribeiro da Silva** é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, é editor-adjunto da revista A Bruxa e editor do zine Homem-Leoa.

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

**NO AR  
DESDE 2015**

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

**DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO**

**01.08.2022**

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura